

Assembleia Municipal de Caminha

Comemorações do 45º Aniversário do 25 de Abril de 1974

Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhora Vereadora e Senhores Vereadores

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados

Caras e Caros Munícipes,

A primeira recordação que tenho das comemorações do 25 de abril remonta a 1999. Para assinalar os 25 anos da Revolução dos Cravos, a então Escola Básica EB 1,2 de Vila Praia de Âncora organizara a “Cantata 25 anos a Cantar Liberdade” no Pavilhão Gimnodesportivo Municipal.

O espetáculo, dividido em dois atos – Portugal a Preto e Branco e As Cores de Portugal – ensinou-nos as músicas de Vasco Santana, Beatriz Costa, Adriano Correia de Oliveira, Zeca Afonso, Paulo de Carvalho, José Mário Branco, Sérgio Godinho, entre outros.

Aprendemos, através da Cultura e da Educação, muito do que foi o Portugal contemporâneo do século XX onde cresceram os nossos pais e os nossos avós. Foi assim que eu e muitos dos meus colegas e amigos, independentemente dos percursos cívicos, políticos e profissionais que assumimos, interiorizamos e alcançamos a importância desta data.

Sempre me interessaram as histórias desse tempo. Procurei saber como foram vividas por aqueles que tiveram essa oportunidade nas diferentes perspetivas: dos que viviam no mundo urbano e dos que viviam no mundo rural, dos que eram mais progressistas e dos que eram mais conservadores, dos que eram crentes e dos que eram não crentes.

É consensual que, após a Revolução dos Cravos, Portugal transformou-se profundamente a nível político, social e económico. O país progrediu, as comunidades abriram-se à Europa e ao Mundo, os cidadãos passaram a ter o direito de se exprimir livremente e o direito de decidir o seu futuro coletivo.

Mas hoje preocupa-nos que as lições do passado possam estar a ser esquecidas. Preocupa-nos que movimentos extremistas e movimentos de contrainformação possam estar a contaminar a nossa vida em sociedade e o modo como nos relacionamos uns com os outros.

Escreveu Primo Levi que “todas as épocas têm o seu fascismo.” Embora as suas consequências tenham surtido maior efeito no século XX, não podemos ignorar o perigo.

O ressurgimento do fascismo, diz-nos Madeleine Albright no seu livro mais recente, está relacionado com a forma como os intervenientes no espaço público procuram publicitar a sua própria versão da verdade, desacreditando os que oferecem descrições concorrentes da realidade. O fascismo instala-se quando as pessoas se convencem de que ninguém é de confiança e que é necessária uma mão dura para impor a ordem num cenário caótico.

É por isso que o sentido de responsabilidade daqueles que intervêm no debate político, seja a que nível for, é tão fundamental para a democracia e que os esforços para propagar mentiras, seja porque meio for, são tão perturbadores.

A democracia tem que ser alimentada, cuidada e protegida. Tem que ser defendida das ameaças que enfrenta. E esse é um desígnio que não diz respeito, única e

exclusivamente, aqueles que circulam pelos corredores do poder a nível nacional ou europeu.

A política local é o primeiro contacto de muitos com a intervenção cívica. Deve, por isso, ser valorizada e dignificada. E nós, repito nós, todos nós, no concelho de Caminha nem sempre temos dado o melhor exemplo. Muito pelo contrário.

Quando se repetem ataques pessoais, difamações e se insiste na desqualificação dos adversários, não se presta um bom serviço à democracia nem aos munícipes que representamos. Quando se discorda com honestidade e respeito pelo adversário, sem demagogias ou populismos, engradece-se o concelho, melhora a vida das pessoas e enaltece-se o papel dos partidos, de todos os partidos, como agentes de transformação da vida das pessoas.

A comunicação, franca e aberta, entre pessoas que exprimem opiniões divergentes é essencial. Muitos, à esquerda e à direita, são demasiado impacientes, inseguros e de vistas curtas para considerarem legítimos os interesses e as preocupações dos outros.

A mentalidade de “nós contra eles” fecha-nos em bolhas. Torna-nos intolerantes e sectários. Fecha portas à convivência saudável num território pequeno onde todos somos poucos para o valorizar.

Afinal, qual será a mãe ou o pai que incentivará a sua filha ou o seu filho a intervir civicamente se sabe que A ou B deixará até de o cumprimentar por ter decidido seguir as suas próprias convicções? Que o preço por seguir o caminho em que acredita é ser rotulado como alguém que está contra X ou Y? Aconteceu comigo, terá acontecido certamente com muitos mais. E não deveria acontecer com ninguém.

A política faz a diferença na vida das pessoas quando se afirmam ideias e projetos pela positiva. A política descredibiliza-se quando os seus intervenientes se colocam em trincheiras e se atacam mutuamente falando de assuntos que pouco ou nada interessam ao cidadão comum.

E convenhamos também que o atual modelo de funcionamento da Assembleia Municipal de Caminha não é propriamente aquele que melhor assegura a representação dos cidadãos e da sua vontade popular. A maioria das vezes é, única e exclusivamente, um espaço para a afirmação de ideias de princípio sobre os mais variados temas ou um órgão de ratificação das propostas que constam na ordem de trabalhos.

Falta-lhe o debate livre e aberto, falta-lhe a expressão do contraditório, falta-lhe a devida valorização da participação do público. Não basta ouvir e apontar em ata aquilo que os intervenientes – sejam deputados, sejam presidentes de junta, sejam munícipes – têm a dizer nas Assembleias Municipais. É preciso fazer eco das suas preocupações, evidenciar esforços no sentido de acomodar as diferentes perspetivas, não assumir as agendas ou as propostas como assuntos fechados a aguardar votações pré-definidas em bloco por parte dos diferentes grupos parlamentares.

É hora de fazer política com mais convicções e menos certezas. Não há nada mais apaixonante do que as convicções. Porque são apenas isso - convicções. Não são certezas. Não são verdades absolutas e por isso exigem um constante exercício de humildade e de honestidade. São crenças, são genuínas, é preciso acreditar nelas e no seu poder transformador. Envolvem riscos e evoluem. Testam a solidez da nossa personalidade e a fidelidade aos princípios nos quais se alicerça a nossa vida.

Salgueiro Maia, o maior dos heróis da Revolução de 1974, terá dito em vida para não se preocuparem com o lugar onde sepultar o seu corpo. “Preocupem-se é com aqueles que querem sepultar o que ajudei a construir.”

A democracia não é um dado adquirido, enfrenta ameaças que chegam de todos os lados. Se não queremos que seja sepultada, temos a obrigação conjunta de conferir a credibilidade e a força necessária aos atores políticos, para que o exercício do poder e o exercício das oposições, por parte daqueles que circunstancialmente os ocupam, sejam continuamente valorizados e sejam considerados relevantes para a vida das pessoas que são a sua razão de ser. Foi para isso que foi feito este dia!

Viva o 25 de abril! Viva o Concelho de Caminha! Viva Portugal!

25 de abril de 2019

Carlos Alberto Videira